

CEBOLICULTURA BRASILEIRA E MERCOSUL¹

Waldemar Pires de Camargo Filho²

1 - INTRODUÇÃO

A década de 80 para a cebolicultura brasileira pode ser dividida em duas fases: 1980-85, período de estabilidade de produção e normalização do abastecimento, e 1986-89, de expansão da produção catarinense com variedades baia performe e retração da produção de cebolas tardias, com maior resistência ao armazenamento e melhor qualidade.

Nos anos 90 apareceram outras variáveis inseridas no complexo contexto da produção e comercialização de cebola no Brasil: 1) a instituição do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) a partir de 1990 e 2) a deterioração do sistema de controle de qualidade de sementes de cebola, aliada à continuidade da expansão da produção catarinense, prejudicando a produção das demais regiões produtoras do Brasil e indiretamente realçando a qualidade do produto argentino diante de um mercado recessivo até julho de 1994.

No período de 1991-94 a produção brasileira foi mais que suficiente para o abastecimento nacional, sofreu a concorrência crescente da cebola argentina, ocorrendo desarticulação na concatenação das safras, e as crises de abastecimento tornaram-se frequentes.

Há necessidade de se discutir um programa solidário de safras incluindo o MERCOSUL. Diante disso deverão ser criados projetos com metas e objetivos específicos à cebolicultura, visando sua organiza-

ção e desenvolvimento.

O objetivo deste artigo é enfatizar o contexto do abastecimento brasileiro e fornecer informações de produção e comercialização que envolvem o Brasil e a Argentina apresentando análise de preços, custos de produção e de transporte para o abastecimento brasileiro, com o intuito de fornecer subsídios à tomada de decisão política para o desenvolvimento da cebolicultura nacional³. Na primeira parte pretende-se evidenciar os grupos de cultivares de cebola predominantes no Brasil e a distribuição das safras durante o ano e o perfil na década de 80. Em seguida, analisar-se-ão os custos e suas relações no Brasil e na Argentina, as perspectivas do Brasil no MERCOSUL e sugestões de ações integradas necessárias e reivindicadas pelos produtores.

2 - SITUAÇÃO NO BRASIL

A cebola é planta bianual da família das liliáceas, cuja parte que tem importância econômica é o bulbo. A bulbificação da planta depende do fotoperiodismo, ou seja, tempo de horas de luz a que fica exposta. Assim, existem variedades de dias longos que exigem mais de 15 horas-luz por dia, as de dias intermediários que bulbificam com 13 a 14 horas-luz por dia e aquelas de dias curtos em que a formação dos bulbos ocorre com apenas 11 a 12 horas-luz por dia. As variedades exploradas estão condicionadas ao clima, época e solo em cada região. Dessa forma, as variedades tardias exigem cerca de 150 dias de cultivo, do plantio a maturação do bulbo e só podem ser cultivadas próximas ao paralelo com latitudes elevadas em

¹Parte integrante do projeto SPTC 16-062/90. O autor agradece ao professor Rodolfo Hoffmann a cessão do *Software* para o processamento dos dados no cálculo da variação estacional. Recebido em 05/05/95. Liberado para publicação em 17/07/95.

²Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³A variação estacional dos preços foi calculada utilizando-se o método da média geométrica móvel centralizada (descrito em HOFFMANN, 1980). Os dados estatísticos utilizados estão publicados em **INFORMAÇÕES ECONÔMICAS** (1980-93) e no **LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA** (1980-94).

torno de 30 a 35 graus, onde o período do dia com luz pode ser longo (corresponde no Brasil à cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul e Buenos Aires, na Argentina). No Brasil a variedade mais difundida é a baia periforme que é precoce, de dias curtos e bulbifica com menos horas-luz e menor ciclo de cultivo do plantio à colheita, relativamente às tardias, e são cultivadas no Sul e Sudeste. As variedades claras precoces são as menos exigentes em horas-luz e menor tempo de cultivo, sendo plantadas no Brasil do paralelo 23° S até 10° S (Sudeste e Nordeste), sendo sua semente importada dos Estados Unidos, Japão e África do Sul. De maneira geral, os bulbos de cebola quanto mais tempo exigem para formação maior sua resistência ao armazenamento. Dessa forma o armazenamento das variedades claras precoces só é feito visando completar a cura (secagem), ou seja, em torno de um mês. Após o primeiro mês as perdas por apodrecimento são elevadas.

2.1 - Produção

A produção brasileira de cebola ocorre predominantemente em três regiões distintas, abrangendo cinco Estados grandes produtores: Pernambuco, Bahia, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Tabela 1).

2.1.1 - Variedades

CAMARGO FILHO (1983) informa que até meados de 70, as variedades claras precoces exploradas eram a Chata das Canarias, Texas Early Grano e a Excel Bermuda. Após 1980 esses cultivares foram substituídos pelas híbridas (Granex e outras) e pela Texas Grano 502 PRR.

Na década de 60 as variedades baias periformes eram cultivadas desde o Rio Grande do Sul até São Paulo e dentre elas existiam aquelas com nomes locais, como a Ilha cultivada no Rio Grande do Sul e outras adaptadas às condições de outros estados. Ainda nessa década a pesquisa em melhoramento de cebola, visando novas variedades, foi profícua, e continuou lançando variedades nas décadas de 70 e 80. Com isso apareceram variedades baias periformes em Santa

Catarina: Jubileu, Juporanga e Criola.

No início da década de 70 a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), lançou a variedade baia periforme Precoce-Piracicaba, propícia para o cultivo de bulbinhos na entressafra do Sudeste brasileiro. A vantagem desse cultivar nesse método era o maior tamanho do bulbo obtido e sua uniformidade, além de não ocorrer o pendoamento tão comum em outras variedades e indesejável no cultivo de bulbos comerciais. Esse fato aumentou e consolidou o cultivo da cebola através de bulbinhos (reprodução vegetativa) no início da década de 70 no Estado de São Paulo (mais especificamente no município de Piedade e adjacências). A continuidade desse trabalho a ESALQ levou à obtenção de variedades como o "composto bulbinho" (a Piradura e a Piraouro). Em convênio da ESALQ com o Instituto de Pesquisas Agrônomicas (IPA) de Pernambuco, foram desenvolvidas variedades periformes adaptadas ao cultivo no Nordeste: a IPA 5 e a IPA 6.

Na região ceboleira do Rio Grande do Sul, eram cultivadas variedades tardias: Norte 13, Norte 14 e Pera Vermelha. Em Santa Catarina foram lançadas variedades de cebolas tardias e com boa aceitação no mercado, mas sua expansão de cultivo depende da redução de seu custo de produção para competir no mercado.

2.1.2 - Custo de produção

No Estado de São Paulo os custos de produção de cebola no cultivo com bulbinhos foi de US\$144,31/t em 1992 e de US\$189,00/t em 1993 na região de Piedade (Tabelas 2 e 3). As claras precoces na região de São José do Rio Pardo teve custo de produção ao redor de US\$118,61/t em 1992 e de US\$145,22 em 1993 (Tabela 4). O cultivo de cebola de muda baia periforme na região de Piedade teve seu custo estimado em US\$129,50/t em 1993 (Tabela 5).

O custo de produção da safra de 1993 em Santa Catarina foi estimado em US\$135,00/t em fevereiro de 1994 pelo Instituto CEPA-SC; o custo de produção da cebola gaúcha é equiparado ao da catarinense. Esse custo, após computar as perdas por

TABELA 1 - Área e Produção da Cultura de Cebola, por Região e Estado, Brasil, 1986-94

Ano	Nordeste ¹		São Paulo		Rio Grande do Sul		Santa Catarina		Brasil	
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)
1986	7.994	90.502	15.779	264.283	17.139	107.645	16.666	148.426	63.676	639.182
1987	7.991	102.576	16.700	282.500	18.600	167.272	23.765	261.415	75.364	856.921
1988	9.839	116.546	15.692	266.696	16.045	124.274	21.856	211.697	69.843	757.030
1989	11.015	143.408	15.100	282.100	16.602	127.355	24.296	270.587	65.050	682.135
1990	8.460	71.919	14.950	269.970	17.271	131.647	27.278	306.529	60.260	795.902
1991	10.003	139.456	15.250	290.850	17.148	110.865	26.919	288.988	75.655	878.938
1992	7.505	100.681	12.060	224.720	18.642	176.119	29.733	309.766	75.199	886.128
1993	12.102	172.068	14.500	290.280	15.505	156.394	22.076	231.319	70.752	916.515
1994	10.664	157.690	14.460	291.550	19.134	175.804	27.321	301.921	76.121	942.033

¹A produção do Nordeste refere-se a Pernambuco e Bahia no Vale do Rio São Francisco.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

TABELA 2 - Estimativa do Custo Operacional da Cultura de Cebola, por Cultivo, Estado de São Paulo, 1992

Item	Bulbinhos		Clara precoce ¹		Baia periforme	
	US\$/t	Participação (%)	US\$/t	Participação (%)	US\$/t	Participação (%)
Formação de canteiro	7,35	5,00	12,90	12,00	15,00	9,20
Mão-de-obra	14,74	10,10	47,41	40,00	12,00	9,20
Operação de máquina	33,51	22,80	20,50	17,30	22,50	17,43
Adubos e corretivos	23,82	16,20	15,30	12,80	23,50	18,20
Defensivos	25,40	17,30	22,50	19,00	11,00	8,50
Depreciação de máquinas e encargos financeiros	39,49	28,60	-	-	45,50	37,50
Custo total (US\$/t)	144,31	-	118,61	-	129,50	-
Produtividade (t/ha)	20,00	-	27,00	-	20,00	-

¹Considerando custos a preço de mercado, inclusive aluguel de máquinas.

Fonte: Elaborada a partir de dados da Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé Ltda (COOXUPE) e Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 3 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Cebola de Bulbinhos, Tração Motomecanizada, 1 Hectare, Produção de 1.000sc. de 20kg, Divisão Regional Agrícola de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1992/93

Item	CR\$ ¹		US\$ ²		Participação percentual
	Por hectare	Por saca	Por hectare	Por saca	
Mão-de-obra	5.425.288,88	5.425,29	364,74	0,36	9,65
Adubos e corretivos	7.318.450,00	7.318,45	492,01	0,49	13,02
Defensivos	7.156.759,17	7.156,76	481,15	0,48	12,73
Operação de máquina	12.272.194,95	12.272,20	825,06	0,83	21,83
Colheita empreitada	650.000,00	650,00	43,70	0,04	1,16
Canteiro de bulbinhos	2.776.374,37	2.776,37	186,66	0,19	4,94
Sacaria	4.785.000,00	4.785,00	321,70	0,33	8,51
Custo operacional efetivo (COE)	40.384.067,37	40.384,07	2.715,02	2,72	71,84
Depreciação de máquina	8.492.194,73	8.492,20	570,93	0,57	15,11
Encargos financeiros ³	1.893.003,16	1.183,00	127,27	0,12	3,37
Encargos sociais ⁴	3.701.008,46	3.701,01	248,81	0,25	6,58
PROAGRO ⁵	1.744.591,71	1.744,59	117,29	0,12	3,10
Custo operacional total	56.214.865,43	56.214,87	3.779,32	3,78	100,00

¹Preços coletados na segunda semana de janeiro de 1993.

²Dólar oficial médio da segunda quinzena de janeiro/93 = CR\$14.874,33.

³Estimada a taxa real de juros de 12,5% a.a. sobre a metade do COE, por período de nove meses.

⁴Referem-se a 27,17% sobre o valor da mão-de-obra recolhida na folha de pagamento e 2,2% sobre o valor da receita bruta (valor médio da saca de 20kg em janeiro/93 = Cr\$101.250,00), correspondente à contribuição ao INSS.

⁵Refere-se a 7,2 sobre 60% do COE.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 4 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Cebola Clara Precoce (Híbrida), Tecnologia de Produção para 27t por Hectare, São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo, 1993¹

Item	Por hectare		Por tonelada (Cr\$)	Participação (%)
	Cr\$	US\$		
Formação de canteiro	2.123.173,00	64,20	78.636,00	1,60
Sementes	7.936.128,00	240,00	293.930,00	6,10
Preparo do solo	4.340.000,00	131,20	160.740,00	3,30
Mão-de-obra ²	80.000.000,00	2.419,30	2.962.963,00	61,70
Fertilizantes e corretivos	11.997.617,00	362,80	444.356,00	9,30
Defensivos	11.821.322,00	357,50	437.826,00	9,10
Irrigação	6.267.015,00	189,50	232.112,00	4,80
Transporte interno	5.170.000,00	156,30	131.481,00	4,10
Total geral	129.655.265,00	3.920,80	4.802.044,00	100,00

¹Custo calculado em 05/05/93, dólar comercial: US\$1,00 = Cr\$2.500,00; US\$145,22/t.

²Mão-de-obra estimada em Cr\$250.000,00/dia sem encargos sociais.

Fonte: Elaborada a partir de dados fornecidos pela Cooperativa Regional dos Cafeicultores de Guaxupé Ltda (COO-XUPE), Núcleo São José do Rio Pardo (SP).

TABELA 5 - Estimativa de Custo Operacional da Cultura de Cebola de Muda, Tração Motomecanizada, por Hectare, Produção de 1.000sc. de 20kg, Divisão Regional Agrícola de Sorocaba, Estado de São Paulo, Safra 1992/93

Item	CR\$		US\$ ¹		Participação percentual
	Por hectare	Por saca	Por hectare	Por saca	
Mão-de-obra	953.982,32	953,98	237,83	0,24	9,17
Canteiro de muda	1.202.744,26	1.202,74	299,85	0,30	11,56
Adubos e corretivos	1.891.396,00	1.891,40	471,53	0,47	18,18
Defensivos	87.851,68	878,52	219,02	2,02	8,46
Operação de máquinas	1.813.632,83	1.813,63	452,14	0,45	17,43
Colheita empreitada	200.000,00	200,00	49,86	0,05	1,92
Sacaria	1.190.000,00	1.190,00	296,67	0,30	11,44
Custo operacional efetivo (COE)	8.130.272,16	8.130,27	2.026,90	2,03	78,16
Depreciação de máquinas	979.789,63	979,79	244,26	0,24	9,42
Encargos financeiros ²	381.106,51	381,11	95,01	0,1	3,66
Encargos sociais ³	559.892,22	559,89	139,58	0,14	5,38
PROAGRO ⁴	351.227,76	351,23	87,56	0,09	3,38
Custo operacional total	10.402.288,28	10.402,29	2.593,32	2,59	100,00

¹Dólar médio da segunda quinzena de julho/92, US\$1,00 = CR\$4.011,19.

²Taxa de juros de 12,5% a.a.

³Refere-se à mão-de-obra comum de tratorista (58,69%).

⁴Refere-se a 7,2 sobre 60% do COE, considerando-se o limite de financiamento de 60%.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

armazenamento, que é rotineiro no Sul, deve se situar entre US\$180,00 e US\$190,00/t. O custo da produção de claras precoces no Vale São Francisco, nos Estados da Bahia e Pernambuco, situou-se em torno de US\$110,00/t em 1993. No entanto, a safra de 1994/95 teve aumento do custo de produção em razão da queda de produtividade.

2.2 - Comercialização

O perfil de abastecimento delineado na década de 60 teve algumas alterações nos anos 70, quando houve diferenciação dos cultivos e sua distribuição. Até meados da década de 70 produzia-se predominantemente no Rio Grande do Sul e o abastecimento era complementado pela produção catarinense para o abastecimento do País no primeiro semestre. Dessa forma, as produções gaúcha e catarinense abasteciam o mercado interno, com as variedades baia periforme, até março; de abril a julho o Brasil era abastecido exclusivamente com variedades tardias cultivadas no Rio Grande do Sul; conseqüentemente, o mercado de maio a julho era firme e estável.

Com os preços altos e o mercado firme no trimestre maio-julho, iniciou-se no município de Piedade (SP), na década de 60, a expansão do cultivo de cebola de soqueira; com o plantio em fevereiro de bulbos comerciais descartes (miúdos), cuja colheita ocorria em maio e junho. Essa produção complementava o abastecimento do País de maio a julho com a baia periforme recém-colhida. Para o abastecimento do segundo semestre, o País contou com a consolidação da safra de claras precoces em São Paulo e no Nordeste. Com isso, São Paulo ocupou a posição de primeiro Estado produtor, contando com o cultivo de bulbinhos e da cebola de muda, em três municípios como núcleos regionais de produção, baseando-se em dois grupos de cultivares: as baias periformes na região de Piedade, com o cultivo de bulbinhos e cebola de muda, e as claras precoces nas regiões paulistas de São José do Rio Pardo e Monte Alto.

A produção nordestina de claras precoces desenvolveu-se no Vale do Rio São Francisco, situado na divisa de Pernambuco com a Bahia. O Brasil é abastecido na entressafra com produção de Petrolina, Cabrobó, Casa Nova e Belém do São Francisco que

são ofertadas de junho a outubro, juntamente com a produção paulista. Dessa maneira, de 1975 a 1985 o abastecimento do País foi realizado dentro desse cronograma de safras. Essa disposição de plantio foi consolidada com o Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Cebola (PLANACE), que foi executado no período de 1980-85.

No primeiro quinquênio dos anos 80 iniciou-se a expansão da produção catarinense que proporcionava bulbos a preços menores, o que forçou a redução drástica do plantio de tardias no Sul em razão de seu custo mais elevado. Também contribuiu para isso o cultivo de bulbinhos e a antecipação da colheita de claras precoces para julho. Porém, a partir de 1986 os produtores de Santa Catarina aceleraram a expansão de sua produção.

A produção brasileira, até 1986, girava em torno de 700 mil toneladas anuais e no período 1987-89, foi de 800 mil toneladas. No período 1991-94, aumentou ainda mais: a produção em Santa Catarina, que era de cerca de 150 mil toneladas em 1986, passou para 227 mil toneladas anuais no período 1987-89 e no quinquênio 1990-94 a média anual catarinense foi de cerca de 283 mil toneladas. Outras regiões produtoras mantiveram sua área e quantidade produzida. Além disso, a qualidade dos bulbos catarinenses é piorada em maio, em razão do tempo excessivo de armazenamento para as baias periformes (Tabela 1).

A produção de cebola no Brasil ocorre, como já foi dito, em três regiões e com cultivos distintos que se ajustam no abastecimento anual. A Região Sul colhe os bulbos ao final do ano e realizam estoques para o abastecimento de janeiro a maio. A safra de bulbinhos é colhida em maio e junho e comercializada em seguida sem armazenamento. A partir de julho até outubro as claras precoces abastecem o mercado; em seguida as baias periformes de São Paulo, Minas Gerais e Paraná são ofertadas de outubro a janeiro. Esse desencadeamento de safras e quantidades ofertadas, proporcionada na década de 80, ocasionou preços ascendentes de dezembro a junho e descendentes de julho a dezembro.

No período 1980-94, os preços mensais de cebola no mercado atacadista de São Paulo são expressos em dólar (Tabela 6). No entanto processando-se os dados por subperíodos pode-se analisar a variação estacional dos preços em 1980-85, 1986-90 e 1991-94. No primeiro subperíodo o preço

TABELA 6 - Preços de Cebola no Mercado Atacadista da Cidade de São Paulo, 1980-94¹
(US\$/t)

Mês	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
Jan.	390	167	241	285	175	240	434	197
Fev.	331	162	311	321	217	215	403	191
Mar.	315	248	455	334	429	185	316	265
Abr.	450	234	620	339	546	173	314	435
Mai	505	246	862	293	518	241	318	446
Jun.	819	205	661	422	303	539	332	301
Jul.	655	138	554	487	150	1.276	322	274
Ago.	377	145	469	368	156	1.060	285	164
Set.	293	145	536	317	124	725	369	111
Out.	259	260	595	198	110	325	339	98
Nov.	158	197	369	135	143	295	288	116
Dez.	144	251	286	134	193	206	212	174
Média	391,33	199,83	496,58	302,75	255,33	456,67	327,67	231,00
Mês	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	Média
Jan.	271	284	217	353	183	437	346	281,33
Fev.	311	266	217	432	185	359	523	296,27
Mar.	365	272	366	495	216	464	568	352,87
Abr.	604	275	305	520	220	584	474	406,20
Mai	544	269	583	465	240	513	595	442,53
Jun.	561	223	709	322	264	443	488	439,47
Jul.	604	188	646	159	291	371	658	451,53
Ago.	603	120	955	177	333	324	563	406,60
Set.	640	276	445	192	453	200	500	355,07
Out.	377	505	256	126	580	162	789	331,93
Nov.	204	611	200	151	520	188	1.035	307,33
Dez.	208	287	221	180	480	170	918	270,93
Média	441,00	298,00	426,67	297,67	330,42	351,25	621,42	361,84

¹Médias: 1980-85, US\$350,42/t.; 1986-90, US\$344,87/t.; e 1991-94, US\$400,19/t.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

médio mensal é de US\$350,00/t com amplitude de 66,66 e preços maiores que a média de março a julho com mínimo em dezembro. No quinquênio 1986-90 os preços acima da média ocorreram de fevereiro a agosto e os preços mínimos no trimestre outubro-dezembro. No período 1991-94 os preços maiores que a média ocorreram no primeiro semestre e os abaixo, no segundo com mínimo em outubro (Figura 1).

Com a extinção do programa de safras solidárias, ocorreu expansão da produção catarinense com prosseguimento nos anos 90, quando se passou a incluir a oferta da cebola argentina no mercado brasileiro. Esses dois fatos corroboram a "teoria da teia de aranha" na produção de cebola. Os preços altos estimulam o plantio que em seguida aumenta a oferta e os preços tornam-se baixíssimos. Isso causa prejuízos aos produtores que retraem a produção no período seguinte e os preços voltam a subir e reinicia-se o ciclo.

A distorção de preços entre os anos ocorre porque a cebola é o produto agrícola que apresenta a maior correlação quando se comparam preço real na época da semeadura e a quantidade produzida consecutiva, ou seja, todo ano em que os preços reais são muito superiores à média na entressafra ocorre em seguida excesso de produção e preços baixíssimos na safra. Os produtores chegam a vender o produto abaixo do custo de produção, o que é resultado de produto com **oferta elástica**. Esse quadro é agravado porque a cebola é um condimento e a expansão do seu consumo depende do aumento do consumo de outros alimentos (resultado de produto com **demand inelástica**). Esse contexto pode ser analisado quando se calcula a variação estacional dos preços bianualmente. Observa-se que todo ano em que os preços se situam muito acima da média na entressafra (época da semeadura) desencadeiam superprodução na safra seguinte (CAMARGO FILHO et al., 1993). Embora a produção de cebola ocorra em regiões distintas no País, o mercado de São Paulo é o balizador de preços a todo o Brasil, sendo a Região Sudeste a maior consumidora nacional e a capital paulista a centralizadora do comércio de bulbos.

Baseado nesse trabalho é importante apresentar a variação estacional anual de preços no mercado atacadista de São Paulo (Figura 2 e Tabela 7). No período 1987-94 a cebolicultura apresentou comportamento que ilustra a teoria da teia de aranha, que

teve início com os preços estabilizados, com moeda forte e alto consumo em 1986 estimulando a produção do ano seguinte. Observe-se a diferença das amplitudes entre períodos e a mudança no formato da curva de preços. Além disso, os anos pares têm curvas diferenciadas das dos anos ímpares, em razão da oscilação da produção.

3 - SITUAÇÃO NA ARGENTINA

A produção média de cebola na Argentina é cerca de 320 mil toneladas por ano, produzidas em 16 mil hectares. No entanto, essa produção oscila bastante porque 60% destinam-se ao consumo interno e cerca de 40% para exportação. A produtividade da cultura na região de Mendoza para exportação é bem maior que a média argentina. A cebola cultivada para exportação é representada pelos cultivares Valenciana e Sintética 14. Esta última apresenta boa qualidade de abril a julho, mas pode permanecer no mercado até setembro, face ao clima propício para armazenamento na região produtora. Outro fato importante é que a Argentina utiliza antibrotante nos bulbos, prática irregular no Brasil, por não existir produto registrado no Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária (MAARA) para essa finalidade.

A cebola para exportação produzida em terras férteis e clima propício, tem custo de US\$12-0,00/t. No entanto, o preço histórico da cebola no mercado de Buenos Aires é de US\$5,00/25kg ou US\$200,00/t. Portanto, o preço da cebola no mercado atacadista argentino é 40% maior do que o custo de produção na região produtora, além disso, deve-se ressaltar que somente o transporte de Buenos Aires a São Paulo é de cerca de US\$100,00/t; assim a cebola argentina na capital paulista deve ter preço ao redor de US\$400,00/t, com pequena margem de lucro, ou seja, o dobro do preço da capital argentina. No entanto, dado o interesse dos argentinos em explorar o mercado brasileiro, esses preços poderão ser reduzidos.

A safra da Argentina é colhida antes dos bulbos tombarem suas hastes (estalo), sendo de ótima qualidade, coloração avermelhada e casca espessa. O Brasil, que em 1990 havia importado 16.893 toneladas, em 1994, comprou cerca de 137 mil toneladas.

TABELA 7 - Índice Estacional do Preço¹ de Cebola no Mercado Atacadista da Cidade de São Paulo, Períodos Anual 1980-85, 1986-90 e 1991-94 e Bianaual 1987-94

Mês	Período anual			Período bianaual	
	1980-85	1986-90	1991-94	Ano ímpar	Ano par
Jan.	84	97	103	73	109
Fev.	94	109	107	76	106
Mar.	120	128	123	100	121
Abr.	131	130	121	111	134
Mai	132	128	122	137	122
Jun.	136	107	107	152	97
Jul.	119	104	92	155	68
Ago.	96	116	95	184	58
Set.	88	92	92	160	67
Out.	87	72	80	120	67
Nov.	74	71	86	86	78
Dez.	69	73	85	87	60
Desvio padrão	0,23	0,22	0,15	-	0,33
Amplitude	66,66	58,32	42,15	-	125,43

¹Em dólar.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

A Argentina pretende que o Brasil seja seu principal comprador de cebola, com 150 mil t/ano. O período crítico da entressafra da cebola na Argentina ocorre no trimestre setembro-novembro, em razão do clima temperado do País e de serem pouco cultivadas as variedades precoces. Esse fato é a variável a favor do Brasil para explorar o mercado de Buenos Aires e Montevideu com cebola e outros produtos olerícolas ao final do ano, principalmente a cebola processada industrialmente.

4 - CRONOGRAMA ANUAL DO ABASTECIMENTO NO BRASIL, PERÍODO 1986-94

No período 1980-85 o abastecimento do mercado interno de cebola foi realizado com produto brasileiro e não necessitou de importações. As safras das Regiões Sul, Sudeste e Nordeste forneceram a quantidade necessária dentro do programa de safras

solidárias, gerenciado pelo então Ministério da Agricultura (MA). No entanto, a produção catarinense já iniciara maior participação no mercado. A partir de 1986 o programa de safras deixou de existir mas a conjuntura favorável estimulou a produção brasileira que se expandiu a taxas elevadas. O Estado de Santa Catarina, no período de 1987-90, teve quantidade ofertada maior que 262 mil toneladas de bulbos por ano para fornecimento de janeiro a abril. Os preços altos da entressafra de 1990 proporcionaram a entrada da cebola argentina no mercado brasileiro, que foi consolidado com o início do MERCOSUL.

No período 1991-94 a Argentina aumentou sua participação no abastecimento brasileiro. A produção de Santa Catarina continuou se expandindo e produziu 277 mil toneladas anuais, que somadas à produção gaúcha de 147 mil toneladas, perfazia 424 mil toneladas para ser consumida em quatro meses. Essa quantidade de cebola, após as perdas por armazenamento, era suficiente para abastecer o Brasil por

cinco meses. Havia ainda a cebola de bulbinho, colhida em maio além da oferta de bulbos argentinos de abril a agosto. Isso desencadeou uma crise de excesso de produção, agravada com o mercado recessivo de alimentos no Brasil. Esse problema não existiu especificamente em 1994, porque houve seca que reduziu as produções do Sul e do Sudeste brasileiro.

No cronograma do abastecimento da cebola no Brasil no período de 1991-94, observa-se que embora tenha diminuído o plantio em São Paulo (bulbinho) e o Rio Grande do Sul estabilizado sua oferta, somente a produção catarinense expandiu o suficiente para que os bulbos fossem ofertados sistematicamente todo mês de maio mesmo que com bulbos de baixa qualidade (brotados e podres), dado que a baía periforme não suporta armazenamento acima de quatro meses (Figura 3). A participação da cebola argentina no mercado brasileiro é crescente e a média em 1991-94 foi de 91.033t/ano, correspondendo a cerca de 15 mil t/mês. O restante da produção em Santa Catarina proporcionou oferta suficiente para abastecer o mercado depois de maio, o que desencadeou crise na produção de bulbinhos, claras precoces e baía periforme do Sudeste e Nordeste, ofertadas no segundo semestre. Em razão disso, propõe-se Calendário de Safras e quantidades ofertadas segundo a região que deve ser gerenciado pelo MAARA e Secretarias de Agricultura dentro de um Plano Nacional Para a Produção de Cebola.

A produção do Sul deve se basear em dois grupos de cultivares: as baías periformes a serem ofertadas até abril e as tardias de maio a julho. A produção de baía deverá ser em torno de 300 mil toneladas (210 mil toneladas comercializáveis). As tardias devem ter produção ao redor de 100 mil toneladas (80 mil toneladas comercializáveis). Esse volume produzido será complementado pela cebola argentina e pelos cultivos de bulbinho que devem abastecer o Brasil até julho. Em seguida as claras precoces e baías do Sudeste e Paraná complementam o abastecimento no último semestre (Figura 4). Além disso, será importante que o Brasil (Sudeste e Nordeste) expandisse os cultivos de baía periforme de junho a outubro porque essas cebolas têm maior aceitação e existem variedades adaptadas às regiões específicas.

5 - REIVINDICAÇÕES DOS CEBOLICULTORES E MEDIDAS COMPLEMENTARES

Os cebolicultores, em seminários nacionais promovidos pela Associação Nacional dos Produtores de Cebola (ANACE), solicitaram ao Governo brasileiro as seguintes medidas:

Para a Comercialização

- a) reivindicar ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária (MAARA) a retomada do sistema de acompanhamento conjuntural em nível nacional da produção e do abastecimento;
- b) integrar Governo e iniciativa privada na proposta de sucessão solidária de safra;
- c) melhoria geral da qualidade da cebola através da cura, padronização e classificação; e
- d) redução do prazo de pagamento dos atacadistas aos produtores para no máximo dez dias.

Para o Crédito Rural

- a) adequação do crédito rural às particularidades da agricultura, especialmente pela implantação do sistema de equivalência em produto.

Para o MERCOSUL

- a) adoção de medidas de apoio à cebolicultura que possibilitem atingir os objetivos básicos de livre competição e lealdade comercial, apoiando especialmente quanto à eliminação de barreiras e distorções de ordem tributária, fitossanitária e classificação;
- b) aplicação imediata da portaria ministerial nº 83, de 28/03/1994, referente à padronização e classificação, eliminando-se os atuais problemas de entrada de cebola argentina a ser preparada no Brasil e a comercialização em volume e peso abaixo do previsto na legislação; e
- c) participação efetiva das lideranças de forma integrada com o Governo.

Para a Produção

- a) adoção de medidas e tecnologias que contribuam para a redução do custo de produção e melhoria da produtividade e
- b) fortalecimento da atuação nos setores de pesquisa e assistência técnica, principalmente na

Região, Estado, País	Variedade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Sul (RS-SC)	Baia periforme	424.484t											
São Paulo	Baia periforme					Bulbinho 60.000t						Muda 95.000t	
São Paulo	Claras precoces								110.000t				
Nordeste (PE-BA)	Claras precoces								142.000t				
Paraná	Baia periforme											60.000t	
	Claras precoces												
Brasil ¹	Bruto	484.484t								391.000t			
	Líquido	360.484t								357.000t			
Argentina (líquido)	Tardia				91.033t								
	(Sintética 14 e Valenciana)												
Quantidade demandada ²		360.000t							360.000t				

FIGURA 3 - Distribuição da Quantidade Ofertada Média de Cebola, por Região e Variedade, Brasil e Argentina, 1991-94².

¹Na Região Sul propõem-se perdas por armazenamento de 25%. Nas demais regiões e estados consideraram-se perdas de 10% para o beneficiamento, resultando num total líquido para comercialização. Essa menor estimativa ocorrerá porque deve haver melhora na colheita e armazenamento.

²O consumo médio brasileiro gira em torno de 60.000t/mês em nível de mercado atacadista, mas deve aumentar. A Argentina exportou ao Brasil, no período 1991 a 1994, em média, 91.033 t/ano.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), Secretaria do Comércio Exterior e Instituto de Economia Agrícola.

Região, Estado, País	Variedade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Sul (RS-SC)	Baia periforme	300.000t											
	Tardia				100.000t								
São Paulo	Baia periforme					Bulbinho	60.000t					Muda	80.000t
São Paulo	Claras precoces							100.000t					
								120.000t					
Nordeste (PE-BA)	Claras precoces												
	Baia periforme e IPA-6				30.000t								
Paraná	Baia periforme											60.000t	
Minas Gerais	Claras precoces												
Brasil ¹	Bruto	490.000t							360.000t				
	Líquido	380.000t							325.000t				
Argentina (líquido)	Tardia					60.000t		30.000t					
	(Sintética 14)												

FIGURA 4 - Proposta de Cronograma da Produção de Cebola, por Safra e Variedade, Argentina e Brasil².

¹Na Região Sul propõem-se perdas por armazenamento de 25%. Nas demais regiões e estados consideraram-se perdas de 10% para o beneficiamento, resultando num total líquido para comercialização. Essa menor estimativa ocorrerá porque deve haver melhora na colheita e armazenamento.

²O consumo médio brasileiro gira em torno de 60.000 t/mês em nível de mercado atacadista, mas deve aumentar. A Argentina exportou ao Brasil, no período 1991 a 1994, em média, 91.033 t/ano.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), Secretaria do Comércio Exterior e Instituto de Economia Agrícola.

busca de novos cultivares mais produtivos e resistentes a pragas e doenças.

Na Legislação

a) melhoria do controle de qualidade das sementes, mediante postura a ser adotada pelos produtores e intensificadas pela fiscalização;

b) adequação da legislação sobre agrotóxicos de forma a possibilitar sua plena aplicação; e

c) aplicação das portarias que possibilitem a redução no custo das tarifas de energia elétrica para fins de irrigação.

Medidas Complementares

Considerando-se as solicitações dos produtores deve-se incluir as seguintes sugestões para serem implementadas na região cebolicultora, visando o fortalecimento do mercado:

1^a) Toda cebola deve ser curada e armazenada por período suficiente para atingir coloração exigida pelo mercado e obter melhoria em sua qualidade.

2^a) Reduzir área cultivada de baixa periforme no Sul em 20%. Simultaneamente a Região Sul deve expandir o cultivo de cebolas tardias (Jubileu, Peranorte, Crioula e Juporanga) para oferecer ao mercado de abril a maio (calcula-se que o mercado possa absorver 80 mil toneladas dessa cebola de abril a junho).

3^a) Na produção de semente o Sul deverá reorganizar-se para melhorar a qualidade, aumentando a quantidade de variedades propícias ao Sul, Sudeste e Nordeste, através de contrato entre as regiões e controle de qualidade obrigatório a ser exercido pelas Secretarias de Agricultura e MAARA.

4^a) No Nordeste, dado que situa-se a mais de 1.000km de outras regiões produtoras, deve reduzir em 10% a área com claras precoces e aumentar em 20% a área com baixa periforme (IPA-6), para ser ofertada antecipadamente em meados do ano. Essa medida se justifica porque o diferencial do custo de frete assegurará aos produtores do Baixo Médio São Francisco o abastecimento das Regiões Norte e Nordeste. A região possui clima propício à produção e condições para concorrer em preço com a cebola argentina. Para tanto é necessário aumentar a oferta de IPA 6 e de cebola para exportação além de desen-

volver ações que estimule e organize o armazenamento e beneficiamento na região de produção.

5^a) O Estado de São Paulo deve produzir cebola o ano todo, dentro de um calendário de produção com outras hortaliças, especialmente os legumes que têm mercado firme no outono. Nesse caso mesmo o plantio de bulbinho, a custo não superior a US\$180,00/t será viável. Essas medidas devem ser de organização das safras que viabilizará a produção de cebola e atuará como barreira econômica ao bulbo argentino, dado que os custos de comercialização são altos. Além disso, é possível expandir o mercado, oferecendo cebola ao Uruguai e Buenos Aires no trimestre setembro-novembro, na entressafra da Argentina. Existem diversas faixas de mercado, sendo a principal a de cebola fatiada e congelada para restaurantes institucionais (das indústrias, hospitais, quartéis e hotéis).

6^a) Para concluir as ações, devem ser constituídas em nível de Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, uma comissão composta por representantes dos cinco estados maiores produtores para realizar um Plano para a regularização da Produção e Abastecimento no Brasil, visando o desenvolvimento da cebolicultura através de projetos especiais nas regiões produtoras com objetivos afins: a) abastecimento de sementes; b) melhoria nos tratos culturais, testes regionais de cultivares e sistema de cultivo, em especial o cultivo direto, sem a formação de mudas visando baixar custos de produção; e c) organização da comercialização e estímulo à industrialização.

6 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

A produção brasileira de cebola expandiu-se além da quantidade consumida pela população, causando desequilíbrio no abastecimento no período 1987-93. O crescimento foi bem maior no Estado de Santa Catarina, principalmente após 1990, o que desencadeou crise de produção e prejuízos que foram majorados nos anos em que ocorreram altos preços na época de semeadura. Com o aumento da quantidade ofertada em Santa Catarina, o Sul geralmente abasteceu o País até maio e no final dos anos 80 e início da década de 90, acrescentando-se a oferta da cebola

argentina.

Como o bulbo catarinense em maio já se encontra com má qualidade, o mercado começou a sofrer crise a partir desse mês prosseguindo até dezembro, porque os produtores protelaram as vendas e, dessa forma, houve *carry-over* para a safra seguinte (claras precoces e cebola de muda de Piedade).

LITERATURA CITADA

CAMARGO FILHO, Waldemar P. **Produção e comercialização de cebola no Brasil**. Piracicaba, ESALQ-USP, 1983. 84p. (Dissertação de Mestrado)

CAMARGO FILHO, Waldemar P. et al. Evolução da produção e comportamento do mercado de cebola no Brasil, 1971-90. **Agricultura em São Paulo**, SP, v.40, t.2, p.27-50, 1993.

HOFFMANN, Rodolfo. **Estatística para economistas**. São Paulo. Pioneira, 1980. 379p.

INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo, IEA, 1980-93.

LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro, IBGE, 1980-94.

CEBOLICULTURA BRASILEIRA E MERCOSUL

SINOPSE: Esta pesquisa analisa aspectos da produção e do mercado de cebola no Brasil e Argentina. Para os períodos 1980-85, 1986-90 e 1991-94 foram realizadas análises de preços utilizando cálculo da variação estacional anual - sazonal 3. Para o período 1987-94 calculou-se a variação estacional bianual de preços (sazonal 7). São apresentadas a quantidade produzida de cebola no Brasil e principais estados no período 1986-1994 e os custos de produção de cebola no Estado de São Paulo, junto com a análise de preços é proposto um cronograma de distribuição de safras para o País, visando a normalização do abastecimento.

Palavras-chave: cebola, preços, produção, abastecimento, MERCOSUL, Brasil, Argentina.

BRAZILIAN ONION PRODUCTION AND MERCOSUL

ABSTRACT: This research analyses onion market in Brazil and Argentina. To the periods 1980-1985, 1986-1990 e 1991-1994 were realized prices analysis by using the "sazonal 3" to calculate seasonal annual fluctuation. To the period 1987-1994 was calculated seasonal biannual fluctuation of prices ("sazonal 7"). It is showed onion quantity produced in Brazil and mainly states in the period 1986-1994. The onion production costs in Sao Paulo State are showed with the prices analysis and it is proposed a production distribution plan to the country inoder to normalize the supply.

Key-words: onion, prices, production, supply, MERCOSUL, Brazil, Argentina.